

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39388</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

O papel do preconceito sexual na compreensão das atitudes face a gays e lésbicas

The role of sexual prejudice in understanding attitudes toward gay men and lesbians

El papel del prejuicio sexual para comprender las actitudes hacia los gays y las lesbianas

Camilla Vieira de Figueiredo¹

orcid.org/0000-0001-9780-9831
camillafigueir@gmail.com

Alessandro Teixeira Rezende²

orcid.org/0000-0002-5381-2155
als_tx29@hotmail.com

Hysla Magalhães de Moura²

orcid.org/0000-0002-5866-5799
hyslamagalhaes@gmail.com

Recebido em: 20 out. 2020.

Aprovado em: 25 maio 2021.

Publicado em: 15 nov. 2023.

Resumo: O preconceito sexual é um fenômeno complexo, multidimensional e resistente à mudança que representa uma problemática pervasiva tanto no Brasil quanto em outros países. Diante desse cenário, o presente estudo objetivou investigar as relações entre preconceito sexual e atitudes frente a gays e lésbicas, verificando, adicionalmente, se o preconceito poderia se constituir como uma variável explicadora para essas atitudes. Para tanto, contou-se com a participação de 430 universitários ($M = 23,5$ anos; $DP = 7,90$; 72,5% mulheres) de uma instituição pública de João Pessoa (PB), que responderam à Escala Multidimensional de Preconceito Sexual, à Escala Multidimensional de Atitudes frente a Gays e Lésbicas e perguntas demográficas. Os resultados demonstraram que o preconceito sexual predisse positivamente atitudes de homopatologização, rejeição da proximidade e heterossexismo, enquanto teve uma associação negativa com atitudes de suporte a homossexuais. Esses achados indicam que o preconceito sexual se configura como um importante mecanismo explicativo das atitudes face a gays e lésbicas.

Palavras-chave: preconceito sexual, homofobia, atitudes, gays, lésbicas

Abstract: Sexual prejudice is a complex, multidimensional and change-resistant phenomenon which represents a pervasive problem both in Brazil and in other countries. In the light of this situation, the present study is aimed at understanding the relationships between sexual prejudice and attitudes towards gays and lesbians, verifying, in addition, whether prejudice could constitute an explanatory variable for such attitudes. For this, 430 university students ($M = 23.5$ years; $SD = 7.90$; 72.5% women) from a public institution in João Pessoa/PB who responded to the Multidimensional Scale of Sexual Prejudice, the Multidimensional Scale of Attitudes towards Gays and Lesbians and demographic questions. The results showed that sexual prejudice positively predicted attitudes of homopathologization, rejection of proximity and heterosexism, and negatively predicted supportive attitudes toward homosexuals. These findings indicate that sexual prejudice is a major explanatory mechanism for attitudes towards gays and lesbians.

Keywords: sexual prejudice, homophobia, attitudes, gays, lesbians

Resumen: El prejuicio sexual es un fenómeno complejo, multidimensional y resistente al cambio que representa un problema generalizado tanto en Brasil como en otros países. Ante esta situación, el presente estudio tuvo como objetivo comprender las relaciones entre el prejuicio sexual y las actitudes hacia gays y lesbianas, verificando, además, si el prejuicio podría constituir una variable explicativa de tales actitudes. Para ello, se contó con la participación de 430 universitarios ($M = 23,5$ años; $DT = 7,90$; 72,5% mujeres) de una institución pública en João Pessoa/PB que respondieron la Escala Multidimensional de Prejuicio Sexual, la Escala Multidimensional de Actitudes hacia Gays y Lesbianas y cues-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ções demográficas. Los resultados mostraron que el prejuicio sexual predijo positivamente actitudes de homopatologización, rechazo de la proximidad y heterosexismo, y negativamente actitudes de apoyo hacia homosexuales. Estos hallazgos indican que el prejuicio sexual es un importante mecanismo explicativo de las actitudes hacia gays y lesbianas.

Keywords: prejuicio sexual, homofobia, actitudes, gays, lesbianas

Os debates sobre a natureza do preconceito sexual e seus antecedentes e consequentes têm ganhado cada vez mais espaço nas sociedades contemporâneas. Não obstante, mesmo diante dos inúmeros esforços para promover a igualdade e das significativas conquistas em relação à defesa e à proteção das minorias sexuais, a discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+ ainda é evidente em vários contextos sociais (Costa et al., 2016). Essa população tem tido direitos e oportunidades negados e, em casos extremos, tem sido violentada e assassinada devido à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero (Aliança Nacional LGBTI, 2017). No topo do ranking mundial de crimes contra minorias sexuais está o Brasil; neste país morrem mais homossexuais vítimas de crimes de ódio do que em países do Oriente ou da África, locais onde a pena de morte pela homossexualidade ainda é permitida por lei (Grupo Gay da Bahia [GGB], 2018, 2019).

Somente em 2018 foram registradas 420 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, o que equivale a um assassinato a cada 20 horas (GGB, 2019). A alta incidência de discriminação sexual e de identidade de gênero neste país sugere que se trata de uma norma social descritiva e de difícil mudança que tem como base a ampla socialização de valores culturais conservadores, religiosos e autoritários (Ortega & Orsini, 2020; Vilanova et al., 2019). Para além desses pontos, pesquisas com amostras brasileiras têm discutido que os homens, por serem sistematicamente orientados para a masculinidade hegemônica (Connell, 1995), além de mais estimulados do que as mulheres a se comportar de acordo com os padrões cisheteronormativos, constituem-se como os principais perpetradores de violências contra LGBTQIAPN+, sendo os homens gays, especialmente os mais efeminados, as suas prin-

cipais vítimas (Figueiredo & Pereira, 2021; Fleury & Torres, 2007; Ramos & Cerqueira-Santos, 2020).

Em conjunto, esses aspectos denotam a importância de identificar as causas, bem como potenciais correlatos e preditores do preconceito contra a população LGBTQIAPN+ a fim de fornecer subsídios para a compreensão dessa problemática e para a implementação de medidas capazes de mitigar as suas consequências negativas na vida social. Na tentativa de entender esse fenômeno psicossocial complexo e resistente a mudanças, desde a década de 1960 pesquisadores vêm fazendo uso do termo homofobia para referir-se a atitudes e comportamentos ofensivos direcionados a gays e lésbicas (Cerqueira-Santos et al., 2017). Apesar de este termo ter sido amplamente utilizado para investigar o preconceito frente às minorias sexuais e também ter se popularizado como um elemento importante para o ativismo LGBTQIAPN+, estudiosos da área têm debatido atualmente sobre os vieses psicossociais que atravessam tal nomenclatura (Costa et al., 2016; Herek, 2000).

Nos estudos contemporâneos sobre preconceito contra homossexuais discute-se que o termo homofobia ancora-se em uma suposição psicopatológica que reduz um fenômeno de caráter social a uma questão individual, negligenciando, assim, as dimensões políticas, ideológicas e sociais na produção do preconceito (Lopes et al., 2017). Nessa lógica, o termo vem sendo criticado principalmente por suas suposições implícitas de que atitudes e comportamentos antigays emanam, principalmente, de medo e ansiedade (i.e., fobia irracional), sendo melhor compreendidos dentro de um modelo de doença (Herek, 2000). Em outras palavras, o conceito de homofobia conota uma inversão no processo de patologização, que implicaria em tratar como doentes aqueles que sofrem as consequências das atitudes, crenças e comportamentos discriminatórios (Costa et al., 2016).

Como alternativa, propôs-se recentemente que o fenômeno usualmente denominado de homofobia seja chamado de preconceito sexual, definido simplesmente como atitudes negativas em relação a um indivíduo por causa de sua

orientação sexual (Herek, 2000). A perspectiva atual sobre o preconceito sexual enfatiza, em especial, a hostilidade direcionada às pessoas não heterossexuais, dando foco aos componentes emocionais e psicológicos que envolvem o nojo, a raiva e a aversão frente a homossexuais e às condições psicossociais que favorecem a manutenção dessa problemática (Whitley & Kite, 2016). Assim, a ideia de que as atitudes negativas frente a esse grupo são provenientes de uma fobia (e.g., ansiedade, medo) tem sido paulatinamente abandonada. Em outras palavras, uma pessoa é vítima de discriminação sexual por não atender à norma cisheterossexista vigente na maioria das culturas e não porque o perpetrador do preconceito ou da discriminação sente medo do contato ou pavor em relação a homossexuais (Freires et al., 2019).

A partir disso, para além da manifestação de componentes cognitivos, afetivos e comportamentais em torno do preconceito frente a minorias sexuais, existem componentes culturais e políticos que subsidiam ideologias de opressão e violência contra pessoas não heterossexuais, a exemplo de fenômenos como a heteronormatização, o heterossexismo e o endosso de crenças negativas diante de gays e lésbicas (Herek, 2016; Cowan, Heiple et al., 2005). Nessa direção, pode-se dizer que o preconceito sexual é um construto multidimensional (*polymorphous prejudice*) que se apresenta de forma diferenciada a outros tipos de preconceitos, já que assume configurações variadas e tem bases psicológicas e socioculturais (Lopes et al., 2017).

Essa concepção multifacetada do preconceito foi recentemente apresentada por Freires et al. (2019) ao adaptarem para o contexto brasileiro a Escala Multidimensional de Preconceito Sexual (EMPS). Para além de reunir evidências psicométricas do instrumento, os autores trazem a reflexão de que as dimensões identificadas no cenário nacional (e.g., resistência à heteronormatividade, negação da discriminação) ratificam a ideia de que o preconceito sexual é um fenômeno que não se restringe unicamente a disposições individuais, mas que abarca determinantes históricos,

políticos e culturais que são influenciados por dispositivos que normatizam a heterossexualidade como o único padrão sexual aceitável.

Estes autores levantaram cinco dimensões representativas do preconceito sexual no contexto brasileiro, sendo elas: heterossexismo, aversão a homossexuais, crenças positivas frente a homossexuais, resistência à heteronormatividade e negação da discriminação. Especificamente, o heterossexismo representa a ideia de que a heterossexualidade é o único padrão sexual possível, o que contribui para a segregação e a subordinação de orientações não heterossexuais, notadamente da orientação homossexual. O heterossexismo atua, portanto, como uma norma, estando vinculado à manutenção de papéis sociais machistas e sexistas que servem para legitimar a concepção de que os homossexuais são violadores das convenções de gênero, já que sua conduta não corresponde ao que é esperado para indivíduos de seu sexo (Allen & Mendez, 2018).

A dimensão de aversão a homossexuais, por sua vez, estaria relacionada a sentimentos de repulsa e nojo frente a homossexuais. Esses sentimentos baseiam-se nas crenças morais e nos valores que um indivíduo possui, bem como na necessidade de participar e agir em consonância com seu grupo social. Em contraposição, a dimensão de crenças positivas diante de homossexuais representa a ideia de que os homossexuais apresentam características positivas em relação aos heterossexuais, a exemplo de níveis superiores de criatividade e autossuficiência, um reconhecimento considerado importante (Freires et al., 2019). Em seguida, a quarta dimensão, intitulada resistência à heteronormatividade, engloba itens que abordam uma atitude negativa em relação aos padrões de gênero socialmente estabelecidos, em particular, o padrão hetero-cis-normativo. Nessa linha, a resistência à heteronormatividade contempla ações contrárias à institucionalização da heterossexualidade como uma norma social legítima (Costa et al., 2015).

Por fim, a dimensão de negação da discriminação enfatiza ações não discriminatórias contra

homossexuais. No entanto, essa dimensão tem alguns vieses particulares. Por exemplo, embora os indivíduos que a endossem se manifestem contrários à discriminação contra homossexuais, costumam negar que o preconceito seja uma realidade no Brasil e opõe-se às demandas e direitos dos homossexuais. Nesse sentido, tal dimensão representa a ideia de que o preconceito diminuiu ao longo do tempo devido a aspectos relacionados à transformação do contexto social, político e histórico (Cerqueira-Santos et al., 2017). Contudo, é certo que ele continua a existir, manifestando-se atualmente, em maior medida, de forma sutil ou implícita mediante argumentos como "a discriminação contra gays e lésbicas não é mais um problema no Brasil" ou "em média, as pessoas da nossa sociedade tratam os gays e os heterossexuais igualmente" (Lacerda et al., 2002).

A perspectiva multidimensional apresentada por Freires et al. (2019) é significativamente recente e, ao que se sabe, a sua medida tem sido empregada em estudos brasileiros sobre as crenças dos indivíduos a respeito da cura da homossexualidade. Por exemplo, Rezende et al. (2021) usaram a EMPS para avaliar se as dimensões de seu modelo de crenças sobre a "cura gay" (i.e., crenças biológicas, psicológicas, religiosas, ético-morais e psicossociais) estariam associadas às cinco dimensões do preconceito sexual. Os resultados indicaram relações fortes e significativas na direção esperada pelos autores, de maneira que as crenças biológicas, psicológicas, religiosas, ético-morais (crenças favoráveis à cura gay) e psicossociais (crenças desfavoráveis à cura gay) se relacionaram com as dimensões de heterossexismo, aversão a homossexuais, resistência à heteronormatividade e negação da discriminação.

Além desses componentes que congregam a multidimensionalidade do preconceito sexual, outros indicadores sociais têm sido apontados como atitudes frente a gays e lésbicas. Gato et al. (2014), por exemplo, descobriram quatro componentes atitudinais do preconceito, os quais foram intitulados como homopatologização, rejeição da proximidade, heterossexismo mo-

derno e suporte. A primeira dimensão atitudinal, homopatologização, corresponde à atitude tradicional de condenação moral e patologização da homossexualidade. A rejeição da proximidade, por sua vez, se refere à concepção clássica do preconceito, que traduz o evitamento do contato com gays e lésbicas nos diversos contextos sociais e a expressão de desconforto emocional na presença de homossexuais.

Em terceiro lugar, a dimensão de heterossexismo moderno corresponde à expressão do preconceito na contemporaneidade. Tal dimensão atitudinal engloba, especificamente, o desempenho de pessoas homossexuais em papéis tradicionalmente associados aos heterossexuais, como a conjugalidade e a parentalidade. Ainda, essa dimensão reflete opiniões negativas relativas à visibilidade da identidade gay/lésbica e a uma suposta ênfase que essas pessoas colocam na sua sexualidade (Gato et al., 2014). Finalmente, o componente atitudinal de suporte, em contraposição aos demais, relaciona-se com atitudes positivas face a gays e lésbicas vinculadas principalmente à legitimidade e defesa de seus direitos civis.

É possível localizar na literatura estudos que empregaram a medida de Gato et al. (2014) para avaliar as dimensões atitudinais do preconceito sexual no Brasil e em Portugal. A critério de exemplo, pode-se citar o estudo de Santos (2018), que buscou avaliar diferenças atitudinais em relação a gays e lésbicas, e o de Pelixo (2014), que objetivou compreender a complexidade da expressão de preconceito de professores face a esses grupos. Essas pesquisas foram desenvolvidas em Portugal. No Brasil, localizamos o estudo de Rezende et al. (2021) sobre as crenças a respeito da cura da homossexualidade e sua relação com as dimensões de preconceito propostas por Freires et al. (2019) e com as dimensões atitudinais propostas por Gato et al. (2014). Sobre esta última, os autores identificaram relações fortes e significativas entre as crenças biológicas, psicológicas, religiosas, ético-morais e psicossociais sobre a "cura gay" e as atitudes de rejeição da proximidade, homopatologização, heterossexismo moderno e, de forma negativa, com as atitudes de suporte a homossexuais.

As duas perspectivas multidimensionais consideradas no presente trabalho reúnem tanto facetas tradicionais do preconceito sexual amplamente discutidas na literatura (e.g., heterossexismo, aversão a homossexuais, homopatologização), como dimensões mais contemporâneas desse fenômeno (e.g., negação da discriminação, heterossexismo moderno) que podem ser avaliadas em maior profundidade. Nessa direção, o presente estudo se insere e se justifica, objetivando averiguar em que medida as atitudes frente a gays e lésbicas se relacionam com as dimensões do preconceito sexual e, adicionalmente, verificar se o preconceito pode se constituir como uma variável explicadora de tais atitudes. Considerando o que tem sido descrito na literatura sobre a multidimensionalidade do preconceito, testou-se as seguintes hipóteses: (H1) O preconceito sexual predirá positivamente a dimensão atitudinal de homopatologização; (H2) O preconceito sexual predirá positivamente a rejeição da proximidade com homossexuais; (H3) O preconceito sexual predirá positivamente a dimensão de heterossexismo; e (H4) O preconceito sexual predirá de forma negativa atitudes de suporte.

Método

Participantes

Participaram 430 estudantes universitários de uma instituição pública de ensino de João Pessoa (PB). A média de idade dos participantes foi de 23,5 anos ($DP = 7,90$; variando de 18 a 69 anos), sendo a maioria do sexo feminino (72,5%), heterossexual (80,1%) e autodeclarada como pertencendo à classe social média (47,8%). Tratou-se de amostra por conveniência, tendo participado indivíduos que, presentes em sala de aula, aceitaram fazê-lo voluntariamente.

Instrumentos

Além de perguntas demográficas (i.e., idade, sexo, orientação sexual, classe social), os participantes responderam a um questionário composto pelas medidas a seguir.

Escala Multidimensional de Preconceito Sexual (EMPS). Adaptada para o contexto brasileiro por Freires et al. (2019), esta medida possui 35 itens distribuídos de maneira equitativa em cinco dimensões, a saber: heterossexismo (e.g., O comportamento homossexual entre dois homens é simplesmente errado; $\alpha = 0,97$), aversão a homossexuais (e.g., Ficaria chateado se descobrisse que fiquei sozinho com um gay; $\alpha = 0,94$), crenças positivas frente a homossexuais (e.g., Homens heterossexuais têm muito o que aprender com os gays sobre moda; $\alpha = 0,89$), heteronormatividade (e.g., Sinto-me limitado pelo rótulo de gênero que as pessoas atribuem a mim; $\alpha = 0,91$) e negação da discriminação (e.g., A discriminação contra gays e lésbicas não é mais um problema no Brasil; $\alpha = 0,49$). Os itens são respondidos a partir de uma escala *Likert* de sete pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). A consistência interna geral da escala para o presente estudo foi de 0,75.

Escala Multidimensional de Atitudes frente a Gays e Lésbicas (EMAFGL). Originalmente desenvolvida por Gato et al. (2014), esta medida é composta por 27 itens distribuídos em quatro fatores: homopatologização (e.g., A homossexualidade é uma perturbação psicológica; $\alpha = 0,82$), rejeição da proximidade (e.g., Sinto que não se pode confiar em uma pessoa que é homossexual; $\alpha = 0,84$), heterossexismo moderno (e.g., Quando ouço falar numa relação amorosa, parto do princípio que são duas pessoas do sexo oposto; $\alpha = 0,82$) e suporte (e.g., Vejo o movimento gay como algo positivo; $\alpha = 0,83$). Os itens são respondidos a partir de uma escala *Likert* que varia de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). No presente estudo a consistência interna geral da medida foi de 0,71.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada em contexto de sala de aula. Os pesquisadores se apresentaram aos estudantes e solicitaram a participação na pesquisa. Na oportunidade, ressaltaram o caráter voluntário e anônimo de sua participação. Apesar de ter ocorrido em ambiente coletivo,

= -0,45; $p < 0,001$) e rejeição da proximidade ($r = -0,30$; $p < 0,001$) e obteve uma correlação positiva com suporte ($r = 0,45$; $p < 0,001$). Finalmente, considerando o componente de negação da discriminação, os resultados apontaram correlações positivas com homopatologização ($r = 0,48$; $p < 0,001$), heterossexismo moderno ($r = 0,49$; $p < 0,001$) e rejeição da proximidade ($r = 0,37$; $p < 0,001$) e uma relação negativa com suporte ($r = -0,47$; $p < 0,001$).

Como último passo, buscou-se verificar o poder preditivo do preconceito sexual na explicação das atitudes frente a gays e lésbicas. Desse modo, as dimensões atitudinais foram consideradas como variáveis-critério e a pontuação total de preconceito sexual foi inserida no modelo como variável explicadora. Em consonância com nossas hipóteses, os resultados indicaram que o preconceito sexual predisse positivamente atitudes de homopatologização [$\beta = 0,47$; $t(355) = 9,99$; $p < 0,001$], rejeição da proximidade [$\beta = 0,46$; $t(354) = 9,80$; $p < 0,001$] e heterossexismo moderno [$\beta = 0,39$; $t(357) = 7,90$; $p < 0,001$] e negativamente a dimensão atitudinal de suporte [$\beta = -0,33$; $t(361) = -6,76$; $p < 0,001$].

Discussão

O presente estudo teve como objetivo conhecer as relações entre preconceito sexual e atitudes frente a gays e lésbicas, verificando, adicionalmente, se o preconceito poderia se constituir como uma variável explicadora das dimensões atitudinais em questão. Efetivamente, os resultados encontrados corroboraram as hipóteses previstas. O preconceito sexual mostrou ser um importante preditor (valores de $\beta > 0,30$; $p < 0,001$) das atitudes de homopatologização, de rejeição da proximidade com homossexuais, de heterossexismo e de suporte em relação a gays e lésbicas, sendo esta última relação direcionada inversamente.

Embora sejam fundamentalmente parte do mesmo fenômeno (i.e., preconceito sexual), considera-se importante discutir pormenorizadamente as relações observadas entre as dimensões de preconceito sexual e das atitudes frente a gays e lésbicas. A abordagem multidimensional do

preconceito adotada no presente trabalho (Freires et al., 2019) representa uma melhoria em relação às tradicionais perspectivas de estudo da temática, as quais priorizam o papel dos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais em torno do preconceito frente às minorias sexuais, negligenciando, muitas vezes, dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais que fortalecem a opressão contra pessoas não heterossexuais. Nesse sentido, debater aspectos do preconceito sexual que são atravessados por essas dimensões foi uma das preocupações desse trabalho.

Em nosso modelo preditivo, as atitudes face a gays e lésbicas foram inseridas como variáveis-critério. Por essa razão, a discussão dos resultados enfocará as dimensões atitudinais em específico e suas relações com os componentes do preconceito sexual. Em relação às atitudes de homopatologização, que correspondem à concepção de que a homossexualidade é uma patologia e que, portanto, necessita de tratamento e cura, é evidente que se baseiam em um sistema ideológico de crenças e valores fortemente estabelecido que centraliza a heterossexualidade como norma, negando e subordinando quaisquer expressões sexuais não heterossexuais de comportamento (Allen & Mendez, 2018). Esse sistema heterossexista sustenta a ideia de que tudo que não é heterossexual tem menos valor e legitimidade ou é errado ou anormal (Herek, 2004). Portanto, pessoas mais orientadas pelo padrão sociocultural definido como heterossexismo tendem a endossar em maior medida atitudes de homopatologização (Herek, 1991, 2000).

Na mesma direção, a homopatologização contribui para que indivíduos expressem aversão a homossexuais, outra dimensão do preconceito considerada no presente estudo (Gato et al., 2014). Os resultados indicam que pessoas que acreditam que a homossexualidade deve ser curada ou erradicada expressam em maior medida aversão, nojo e/ou desprezo em relação a homossexuais (Whitley & Kite, 2016). Esse componente de aversão está fortemente ligado a valores culturais conservadores, religiosos e politicamente autoritários, tradicionalmente observados no Brasil (Vilanova et al., 2018).

É válido ressaltar que a expressão de atitudes aversivas em relação a homossexuais pode acontecer de forma flagrante ou sutil (Lacerda et al., 2002). As manifestações tradicionais e hostis de preconceito sexual estão progressivamente sendo substituídas por atitudes negativas indiretas ou implícitas. Isso se deve, em parte, às pressões normativas que acompanham o desenvolvimento das sociedades contemporâneas, as quais estabeleceram uma norma antipreconceito que visa proteger grupos minoritários de abusos e violências. Não obstante, tem-se observado que a mera presença da norma antipreconceito é insuficiente para reduzir expressões de preconceito contra homossexuais (Pereira et al., 2016). Uma forma de burlar tal norma, externalizando atitudes negativas face a gays e lésbicas, seria negando que o preconceito sexual é um dos principais problemas no Brasil, mesmo que dados oficiais comprovem ser este o país do mundo onde mais se cometem crimes de ódio contra pessoas LGBTQIAPN+ (GGB, 2018, 2019). Nessa direção, a relação forte e significativa entre as atitudes de homopatologização e a dimensão de negação da discriminação observada no presente estudo ($r = 0,48$; $p < 0,001$) carece ser avaliada em profundidade.

Apesar da nomenclatura dada à dimensão atitudinal de negação da discriminação, o conteúdo de seus itens corresponde em grande parte a exemplos de manifestação sutil de preconceito (Freires et al., 2019). Por exemplo, embora muitos indivíduos indiquem explicitamente serem contrários à discriminação contra gays e lésbicas, consideram "raro ver gays e lésbicas sendo tratados de forma homofóbica na televisão" (Item 8) ou concordam que "a sociedade alcançou o ponto onde gays e heterossexuais têm oportunidades iguais de crescimento" (Item 7). Desse modo, conclusões sobre a relação positiva entre homopatologização e as atitudes de negação da discriminação observada em nos resultados merecem cautela. A direção de tal relação pode estar associada a crenças essencialistas a respeito da homossexualidade e, a depender do conteúdo de tais crenças, atitudes mais positivas ou mais

negativas em relação aos homossexuais são definidas (ver Haslam & Levy, 2006).

A esse respeito, Prentice e Miller (2007), por exemplo, descobriram que pessoas que acreditam que a homossexualidade é inata e geneticamente imutável, mesmo que a reifiram como uma anomalia, têm atitudes menos negativas em relação aos homossexuais. É possível que essa crença essencialista tenha fomentado, para a presente amostra, uma representação da homossexualidade como algo natural ou inevitável, reduzindo assim a percepção dos homossexuais como responsáveis por seu comportamento (Pereira et al., 2016). Nessa lógica, mesmo que os homossexuais sejam vistos como "doentes" ou "desviantes", as pessoas que negam a discriminação sexual podem fazê-lo por acreditar que aqueles não são culpados por sua orientação sexual (Haslam & Levy, 2006). Essa é uma possível justificativa para a relação forte e positiva evidenciada entre essas variáveis e os resultados encontrados.

Finalmente, observou-se que homopatologização e a dimensão de resistência à heteronormatividade obtiveram um coeficiente de correlação negativo e forte ($r = -0,35$; $p < 0,001$). Isto indica que pessoas que discordam da institucionalização de normas binárias baseadas em determinantes biológicos e da heterossexualidade como único padrão sexual legítimo tendem a patologizar menos os homossexuais (Costa et al., 2014). Embora esperássemos obter uma relação negativa entre homopatologização e crenças positivas frente a homossexuais, esta não foi observada para a presente amostra ($p > 0,05$). O conjunto desses aspectos permite definir o preconceito sexual como um importante preditor das atitudes de homopatologização ($\beta = 0,47$; $p < 0,001$).

Por conseguinte, a dimensão atitudinal de rejeição da proximidade, conceituada objetivamente como um sentimento de desconforto psicológico em situações de proximidade com homossexuais que produz o evitamento do contato interpessoal, se relacionou positivamente com os componentes de heterossexismo ($r = 0,70$; $p < 0,001$), aversão a homossexuais ($r = 0,63$; $p < 0,001$) e negação da discriminação ($r = 0,37$; $p < 0,001$). Esses coeficien-

tes indicam que pessoas fortemente guiadas por valores e crenças heterossexistas, que apoiam ideias, opiniões, atitudes ou comportamentos aversivos contra gays e lésbicas, tendem a sentir menos emoções positivas e mais emoções negativas em relação a homossexuais, experienciando incômodo em sua presença em quaisquer contextos sociais, tais como universitário, religioso e esportivo (Pereira et al., 2017).

A atitude de rejeição da proximidade pode ser entendida como uma expressão de preconceito flagrante (Lacerda et al., 2002). Todavia, os resultados também apontam que tal atitude se relacionou com a negação da discriminação, considerada uma forma de manifestação sutil de preconceito. A relação forte e positiva entre essas variáveis reitera que a negação da discriminação é uma expressão indireta de preconceito; pessoas que rejeitam situações formais ou informais de convivência com homossexuais tendem a negar que são preconceituosas ou que a sociedade é preconceituosa, externalizando o pensamento de que gays e heterossexuais recebem o mesmo tratamento (Jowett, 2017).

Observou-se que rejeição da proximidade e a dimensão de resistência à heteronormatividade se relacionaram negativamente ($r = -0,30$; $p < 0,001$), um padrão esperado diante das discussões teóricas apresentadas até aqui. Assim, quanto mais as pessoas resistem à influência da norma cis-hetero-normativa, menos se sentem desconfortáveis para dividir ambientes sociais com homossexuais. No que diz respeito à dimensão de crenças positivas, a relação com rejeição da proximidade não foi observada ($p > 0,05$). Em síntese, o fator geral de preconceito sexual também se mostrou um importante explicador das atitudes de rejeição da proximidade com gays e lésbicas ($\beta = 0,46$; $p < 0,001$).

Em terceiro lugar, a atitude conhecida como heterossexismo moderno logrou correlações fortes e significativas com os componentes do preconceito heterossexismo ($r = 0,81$; $p < 0,001$), aversão a homossexuais ($r = 0,41$; $p < 0,001$), negação da discriminação ($r = 0,43$; $p < 0,001$) e resistência à heteronormatividade ($r = -0,45$;

$p < 0,001$). Conceitualmente, o heterossexismo moderno diferencia-se do heterossexismo tradicional por se configurar como uma expressão contemporânea de preconceito mais diretamente vinculada à deseabilidade social. Por exemplo, os heterossexistas modernos afirmam que gays e lésbicas têm o direito de ser quem são. No entanto, opõem-se constantemente às suas demandas por direitos iguais e discordam da união civil de casais homoafetivos e da possibilidade de adoção homoparental (Gato et al., 2014).

A relação entre heterossexismo tradicional e heterossexismo moderno já foi demonstrada em outros estudos (e.g., Cowan et al., 2005; Eldridge & Johnson, 2011), comprovando que essas variáveis estão fortemente associadas, compondo um mesmo fenômeno, mas que diferem principalmente em termos da intensidade de sua expressão. Assim, heterossexistas modernos tendem a concordar com ideias convencionalmente heterossexistas. Da mesma forma, quanto mais uma pessoa endossa atitudes correspondentes ao heterossexismo moderno, maior será a sua tendência a sentir aversão a homossexuais, bem como mais fortes serão as suas tentativas de negar a discriminação sexual enquanto uma realidade social (Jowett, 2017). Contrariamente (e tautologicamente), heterossexistas modernos tendem a resistir em menor medida aos princípios heteronormativos (Herek, 2016). Acerca da dimensão de crenças positivas, a relação com heterossexismo moderno não foi observada ($p > 0,05$). Em resumo, o fator geral de preconceito sexual mostrou ser um preditor significativo de atitudes vinculadas ao heterossexismo moderno ($\beta = 0,38$; $p < 0,001$).

No que concerne às atitudes de suporte, os resultados indicaram relações negativas com os componentes de heterossexismo ($r = -0,76$; $p < 0,001$), aversão a homossexuais ($r = -0,39$; $p < 0,001$) e negação da discriminação ($r = -0,47$; $p < 0,001$) e positivas com resistência à heteronormatividade ($r = 0,45$; $p < 0,001$) e suporte ($r = 0,15$; $p < 0,001$). As atitudes de suporte correspondem a posicionamentos positivos em relação aos homossexuais, especialmente no que diz respeito

à defesa e proteção da legitimidade de seus direitos. Em vista disso, pessoas que apoiam a luta pela igualdade entre heterossexuais e homossexuais tendem a discordar do padrão cultural heterossexista. Ao mesmo passo, esses indivíduos tendem a demonstrar atitudes, crenças e comportamentos favoráveis a homossexuais, defender que a discriminação sexual é um problema social que precisa ser superado e resistir às imposições que visam padronizar identidades LGBTQIAPN+ (Freires et al., 2019). Em conclusão, o fator geral de preconceito sexual predisse significativamente as atitudes de suporte a homossexuais ($\beta = -0,33$; $p < 0,001$).

Em conjunto, os achados indicam que o preconceito sexual se configura como um importante mecanismo explicativo das atitudes frente a gays e lésbicas. Embora estes construtos se assemelhem em termos conceituais, buscou-se explorar as múltiplas dimensões do preconceito recentemente levantadas para o contexto brasileiro e suas relações com diferentes componentes atitudinais sobre os homossexuais. Apesar de tratar-se de um único estudo de caráter correlacional, não foram localizadas outras publicações em contexto nacional com este intento. Confia-se que este possa ser um aspecto diferencial desse trabalho.

Mesmo com suas contribuições, é certo que esse estudo não está isento de limitações. Por ter feito uso de variáveis sensíveis à desejabilidade social e pela utilização de medidas de autorrelato, com maior susceptibilidade a esse viés, é possível que os participantes tenham fornecido respostas que não refletem completamente aquilo que pensam e/ou sentem. A média observada para o fator geral de atitudes face a gays e lésbicas foi de 2,75 ($DP = 0,21$) e para o componente geral de preconceito sexual foi de 2,04 ($DP = 0,35$), coeficientes situados abaixo dos pontos médios das escalas.

No Brasil, o preconceito sexual é fortemente antinormativo no nível prescritivo (ver Pereira et al., 2016), uma vez que o sistema jurídico brasileiro condena veementemente a discriminação contra homossexuais e a equipara ao racismo, ambos definidos como crimes hediondos para os quais

podem ser impostas penas de prisão severas (Supremo Tribunal Federal, 2019). Isso significa que os indivíduos que expressam preconceito flagrante contra homossexuais neste país sabem que podem enfrentar graves problemas jurídicos. Essa pode ser a principal razão pela qual os participantes pontuaram abaixo do ponto médio das escalas de resposta, o que não indica necessariamente que não são preconceituosos em relação aos homossexuais (ver Lacerda et al., 2002). Por tudo isso, estima-se que a desejabilidade possa ter sido acentuada para a presente amostra, o que torna importante que estudos futuros sobre preconceito sexual a considerem como uma covariável.

Além disso, utilizou-se de uma amostra não probabilística composta exclusivamente por estudantes universitários, o que pode ter contribuído para que as pontuações médias nas variáveis tenham sido baixas. O preconceito sexual está correlacionado com o nível educacional e com a idade, de maneira que pessoas mais jovens e com níveis de instrução mais elevados costumam expressar atitudes menos negativas face à homossexualidade (Herek, 1991, 2004). Outro aspecto igualmente importante para se considerar enquanto limitação desse estudo é o fato de que 72,5% da amostra foi composta por mulheres. As diferenças de gênero no contexto do preconceito sexual são marcantes e inauguraram uma clássica linha de investigação na década de 1980 (ver Herek, 2000).

Os homens heterossexuais, em especial aqueles altamente identificados com seu grupo de gênero, são particularmente mais preconceituosos contra homossexuais do que as mulheres. Isso ocorre porque a homossexualidade é mais ameaçadora para a identidade masculina do que feminina, sendo o preconceito sexual uma estratégia egodefensiva utilizada por eles para assegurar que são inequivocamente distintos dos gays (ver Figueiredo & Pereira, 2021). Além disso, são amplas as evidências de que os homens têm crenças mais rígidas do que as mulheres sobre a importância dos papéis de gênero, experimentando, inclusive, maior ansiedade do

que elas face a violação desses papéis (Herek, 2000). Adicionalmente, eles endossam em maior medida do que elas atitudes machistas, sexistas e orientadas à dominância social, variáveis que se constituem como importantes preditores do preconceito contra homossexuais (MacInnis & Hodson, 2015).

Apesar de já se ter demonstrado o papel de variáveis sociodemográficas como gênero, raça e classe social enquanto preditores consistentes do preconceito sexual (ver Figueiredo & Pereira, 2021; Poteat & Anderson, 2012), não controlamos os seus efeitos nos modelos de regressão apresentados. É importante que estudos posteriores considerem a influência dessas variáveis conjuntamente a fim de fornecer dados interseccionais sobre o preconceito de brasileiros contra homossexuais. Ao mesmo passo, a nossa amostra reuniu pessoas de uma única cidade do Brasil, inviabilizando comparações em âmbito regional. Embora este não tenha sido o foco imediato do presente estudo, sugere-se que pesquisas posteriores considerem parcelas da população brasileira oriundas das diferentes regiões geográficas a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno no país.

Ainda a propósito de estudos futuros, indica-se que modelos de mediação sejam testados para as variáveis em questão. Por exemplo, é possível que o preconceito sexual seja um mediador indireto da relação entre crenças essencialistas sobre a homossexualidade e atitudes frente a gays e lésbicas, de maneira que quanto mais as pessoas endossam um conjunto de crenças biológicas, psicológicas, religiosas ou morais a respeito da natureza da homossexualidade, mais tenderão a apoiar atitudes preconceituosas contra esses grupos e, conseqüentemente, a patologizar a homossexualidade, rejeitar situações de proximidade com gays, expressar opiniões heterossexistas modernas e/ou discordar da igualdade de direitos entre heterossexuais e homossexuais.

Importante também será testar um modelo de moderação para verificar, por exemplo, se o endosso de crenças essencialistas sobre a ho-

mossexualidade poderia acentuar ou suprimir a relação entre preconceito sexual e atitudes frente a gays e lésbicas. Estima-se que essa relação será mais forte para pessoas que acreditam em explicações biológicas, psicológicas, religiosas e morais para a natureza da homossexualidade, mas não para aqueles indivíduos que não apoiam tais crenças ou que endossam crenças psicossociais sobre a orientação sexual (Lacerda et al., 2002). É pertinente que essas (i.e., preconceito sexual, crenças sobre a natureza da homossexualidade) e outras variáveis (e.g., crenças sobre a homossexualidade) sejam testadas ainda em modelos de mediação e/ou moderação que considerem o preconceito contra transexuais como variável dependente, já que esta população em específico enfrenta maiores riscos de morte, especialmente no contexto brasileiro (GGB, 2018).

Referências

- Aliança Nacional LGBTI. (2017). Carta da Diversidade. *Plataforma Nacional dos Direitos Humanos e de Cidadania das Pessoas LGBTI+ na Agenda Legislativa e de Litigância Estratégica*. <http://www.grupodignidade.org.br/cartadadiversidade>
- Allen, S. H., & Mendez, S. N. (2018). Hegemonic heteronormativity: Toward a new era of queer family theory. *Journal of Family Theory & Review*, 10, 70-86. <https://doi.org/10.1111/jftr.12241>
- Cerqueira-Santos, E., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Internalized homophobia and religiosity among homosexual couples. *Temas em Psicologia*, 25, 691-702. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-15>
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. University of California Press.
- Costa, A. B., Machado, W. L., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2016). Validation study of the revised version of the scale of prejudice against sexual and gender diversity in Brazil. *Journal of Homosexuality*, 63, 1446-1463. <https://doi.org/10.1080/00918369.2016.1222829>
- Costa, A. B., Peroni, R. O., Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian public university: Prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research and Social Policy*, 12, 261-272. <https://doi.org/10.1007/s13178-015-0191-z>
- Costa, P. A., Almeida, R., Anselmo, C., Ferreira, A., Pereira, H., & Leal, I. (2014). University students' attitudes toward same sex parenting and gay and lesbian rights in Portugal. *Journal of Homosexuality*, 61, 1667-1686. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.951253>

- Cowan, G., Heiple, B., Marquez, C., Khatchadourian, D., & McNevin, M. (2005). Heterosexuals' attitudes toward hate crimes and hate speech against gays and lesbians: Old-fashioned and modern heterosexism. *Journal of Homosexuality*, 49, 67-82. https://doi.org/10.1300/J082v49n02_04
- Eldridge, J., & Johnson, P. (2011). The relationship between old-fashioned and modern heterosexism to social dominance orientation and structural violence. *Journal of Homosexuality*, 58, 382-401. <https://doi.org/10.1080/00918369.2011.546734>
- Figueiredo, C. V., & Pereira, C. R. (2021). The effect of gender and male distinctiveness threat on prejudice against homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 121(6), 1241-1257. <https://doi.org/10.1037/pspi0000269>
- Flcury, A. R. D., & Torres, A. R. R. (2007). Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24, 475-486. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400007>
- Freires, L. A., Rezende, A. T., Loureto, G. D. L., Santos, W. S., Mendes, L. A. C., & Gouveia, V. V. (2019). Escala Multidimensional de Preconceito Sexual: Propriedades psicométricas para o contexto brasileiro. *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228490>
- Gato, J., Fontaine, A. M., & Leme, V. B. (2014). Validação e adaptação transcultural da escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 257-271. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427206>
- Grupo Gay da Bahia. (2018). População LGBT morta no Brasil: Relatório 2018. <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti>
- Grupo Gay da Bahia. (2019). *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: Relatório 2019*. <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti>
- Haslam, N., & Levy, S. R. (2006). Essentialist beliefs about homosexuality: Structure and implications for prejudice. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 471-485. <https://doi.org/10.1177/0146167205276516>
- Herek, G. M. (1991). Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. In J. C. Gonsiorek, & J. D. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research implications for public policy* (pp. 60-80). Sage.
- Herek, G. M. (2000). Sexual prejudice and gender: Do heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men differ? *Journal of Social Issues*, 56, 251-266. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00164>
- Herek, G. M. (2004). Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research and Social Policy: Journal of NSRC*, 1, 6-24. <https://doi.org/10.1525/srsp.2004.1.2.6>
- Herek, G. M. (2016). The social psychology of sexual prejudice. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 355-384). Psychology Press.
- Jowett, A. (2017). 'One can hardly call them homophobic': Denials of antigay prejudice within the same-sex marriage debate. *Discourse & Society*, 28, 281-295. <https://doi.org/10.1177/0957926516687405>
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 165-178. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018>
- Lopes, D., Oliveira, J. M., Nogueira, C., & Grave, R. (2017). The social determinants of polymorphous prejudice against lesbian and gay individuals: The case of Portugal. *Sexuality Research and Social Policy*, 14, 56-70. <https://doi.org/10.1007/s13178-016-0230-4>
- MacInnis, C. C., & Hodson, G. (2015). Why are heterosexual men (vs. women) particularly prejudiced toward gay men? A social dominance theory explanation. *Psychology and Sexuality*, 6, 275-294. <https://doi.org/10.1080/19419899.2014.987684>
- Ortega, F., & Orsini, M. (2020). Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. *Global Public Health: An International Journal for Research, Policy and Practice*, 15, 1257-1277. <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1795223>
- Pelixo, P. C. A. (2014). *"Desde que eles não mostrem": Perspectivas de Professores/as sobre Orientação Sexual e Identidades LGBT* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. <https://bitly.com/qlOko>
- Pereira, A. D. S. L. S., Dias, S. M. P. D. S., Lima, T. J. S. D., & Souza, L. E. C. D. (2017). As crenças sobre a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais no ambiente de trabalho. *Temas em Psicologia*, 25, 563-575. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-10>
- Pereira, A., Pereira, C. R., & Monteiro, M. B. (2016). Normative pressure to reduce prejudice against homosexuals: The buffering role of beliefs about the nature of homosexuality. *Personality and Individual Differences*, 96, 88-99. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.02.042>
- Poteat, V. P., & Anderson, C. J. (2012). Developmental changes in sexual prejudice from early to late adolescence: The effects of gender, race, and ideology on different patterns of change. *Developmental Psychology*, 48, 1403-1415. <https://doi.org/10.1037/a0026906>
- Prentice, D. A., & Miller, D. T. (2007). Psychological essentialism of human categories. *Current directions in Psychological Science*, 16, 202-206. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00504.x>
- Ramos, M. D. M., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. *Arq. bras. psicol.*, 72, 159-172. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2020v72i2p.159-172>
- Rezende, A. T., Gouveia, V. V., Loureto, G. D. L., Ribeiro, M. G., & Oliveira, K. G. (2021). Escala de crenças sobre a cura da homossexualidade: evidências para a estrutura fatorial (Pré-print). *PsicoUSF*. https://www.researchgate.net/publication/349669891_Escala_de_crenças_sobre_a_cura_da_homossexualidade_evidencias_para_a_estrutura_fatorial

Santos, J. R. S. (2018). *Preconceitos e discriminação face a minorias sexuais*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. <https://bityli.com/gZ1zv>

Supremo Tribunal Federal. (2019, 13 de junho). *STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa*. <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?id-Conteudo=414010>

Vilanova, F., Koller, S. H., & Costa, Â. B. (2019). Mediatonal effects of right-wing authoritarianism factors in the path religiosity-prejudice towards sexual and gender diversity. *Psychology & Sexuality, 1*, 1-10. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1688379>

Whitley, B. E., & Kite, M. E. (2016). *Psychology of prejudice and discrimination*. Routledge.

Camilla Vieira de Figueiredo

Mestra e doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil. Psicóloga escolar no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), em Sousa, PB, Brasil.

Alessandro Teixeira Rezende

Doutor e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; psicólogo. Professor do curso de Psicologia da Faculdade de Integração do Sertão (FIS). Realiza atualmente estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil.

Hysla Magalhães de Moura

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; psicóloga pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil. Atua como psicóloga clínica na abordagem cognitivo-comportamental.

Endereço para correspondência

Camilla Vieira de Figueiredo
Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Campus I - Cidade Universitária, 58051-900
João Pessoa, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.